

Fios e tramas

@@@@@

**Em que André, mais
uma vez, é vítima
da gozação dos colegas.**



Dolo é uma palavra estranha, e nem de longe lembra as doces delícias associadas a sua rima mais óbvia, o bolo. O dolo é a má-fé intencional, a velhacaria por trás de um ato criminoso, fraudulento e cruel. O dolo é fruto da maldade humana.

André nunca teve o dolo, a má intenção. Ao contrário, foi praticamente uma vítima do acaso, da circunstância e de seus instintos. Mas, como o físico Albert Einstein gostava de argumentar, “D’us não joga dados” e o mundo não é aleatório. As coisas estão todas relacionadas. Exatamente como os professores ensinam nas aulas de Ecologia, o bater de asas de uma borboleta em Bali pode influenciar um desastre aéreo sobre a Patagônia. Fazemos parte de uma grande rede.

Talvez essas ligações e influências fossem menos óbvias há algumas décadas, mas não hoje, quando o mundo inteiro se relaciona pela internet, a grande rede mundial, a *World Wide Web*. Foi nesta teia que André foi inadvertidamente capturado e viu-se em palpos de inesperada aranha. E se não foi consumido vivo como um mosquito, foi por muito pouco. Em sua defesa, o inseto pode sempre alegar não ter visto a teia. A presa nunca vê a armadilha, evidentemente. Armadilhas são construídas com essa intenção. Se visíveis fossem, ninguém nelas cairia.

Para André, no entanto, o lado perigoso da teia não era apenas invisível, mas inexistente. Mais do que não enxergar, ele nem mesmo tinha consciência do perigo que a publicação de uma foto na internet

poderia gerar. O que ele via era o que todos nós vemos sempre, apenas uma agradável rede aberta a incontáveis possibilidades de lazer e diversão, onde ele podia passar boa parte do dia jogando, conversando, ouvindo música e resolvendo todos os problemas de sua vida pessoal e escolar. Por isso mesmo, quando a professora de inglês perguntou quantas horas os alunos ficavam diariamente diante do computador, André foi o primeiro a levantar a mão e a responder em voz alta:

— Sete horas, *teacher!*

A mestra arregalou os olhos e começou a rir.

— Sete horas? Impossível. Ou então você não dorme, não come, não toma banho e, principalmente, não namora. O que é bem estranho para um garoto saudável da sua idade.

A classe veio abaixo em uma gargalhada só. Uma voz gritou o chavão:

— É que sete é conta de mentiroso, *teacher!*

Outra voz masculina ecoou em seguida, a de Mário Lúcio:

— O André não namora porque nenhum garoto da turma quer ficar com ele!

A turma do fundão gritava corinhos preconceituosos de ‘fruti-nha’ e outros equivalentes, colocando em dúvida a masculinidade de André diante da insinuação de que ele não teria tempo de namorar no mundo real caso realmente passasse sete horas diárias conectado.

André não era do tipo que deixava uma provocação sem resposta. E foi em frente.

— Ao contrário, *teacher*, todas essas horas *online* me rendem muitas e muitas garotas no mundo real... se é que você me entende.

— Namoro *online* não é namoro, André, é relacionamento virtual. Desculpe, mas não é a mesma coisa. A menos que você tenha descoberto uma nova forma de beijar na boca pelo teclado. Quem sabe apertando o K de *kiss*...

O fundão aplaudia, entre gritinhos de “dois a zero pra *teacher*”. André insistiu, desta vez, tentando salvar sua reputação diante das garotas.

— Beijar eu beijo ao vivo. Mas eu marco os encontros pela in-

ternet. E só pra ninguém duvidar de mim, eu vou subir uma foto bem bacana beijando uma gata que eu conheci pela *net*. Ainda esta semana, pode anotar, eu vou subir a foto no meu Orkut. É só procurar por André Nêutron. E se vocês quiserem saber por que eu escolhi esse nome, a explicação está no meu perfil também. Hoje é o quê, *thursday*? Amanhã então, sexta-feira, *friday*, a foto vai estar lá.

— E como você vai conseguir esta proeza em vinte e quatro horas, André?

— Simples. Eu posso subir uma das muitas fotos de beijos que eu já tenho ou posso produzir uma ainda hoje. Ok, *teacher*?

Desta vez, uma voz feminina retrucou:

— Na verdade, o André precisa de vinte e quatro horas e um minuto: vinte e quatro horas pra convencer a coitada a aguentar o bafo dele e um minuto pra dar um beijinho!

E mais gargalhadas preencheram o ambiente da sala de aula. André estava confortável na brincadeira, sentindo-se no centro das

atenções mesmo diante daquele desafio. Até que uma frase o tirou do eixo. Aquela palavra penetrante, como um alfinete que fura um colchão de ar na piscina, pegou-o de surpresa. Porque, embora estivesse em outro contexto, ela pegava fundo em detalhe que o incomodava, o de não ter ainda conhecido uma mulher de forma mais íntima. Da última fileira de carteiras, uma voz masculina preencheu a sala em alto e bom som:

— *Teacher*, o problema é que o André é BV ou, pra quem não sabe, ele é boca virgem...

O sinal tocou em meio a gritos e gargalhadas dos alunos, marcando o final da aula. Nélida, a professora, nem teve tempo de passar a lição para a aula seguinte. André ficou sentado arrumando suas coisas enquanto alguns amigos davam tapinhas em suas costas ou ‘pedaladas’ em sua nuca. As meninas sorriam, mandavam beijinhos e cobravam a promessa, com comentários como “quero só ver a foto do beijo, hein, BV?” ou “se você quiser me beijar eu juro que eu deixo, mas sem foto, tá...”. A garota mais bonita da classe, Natália, passou por ele e não deu a menor bola. E ainda jogou os longos cabelos escovados para trás como costumam fazer as *patricinhas* mais padronizadas.

André caminhou até sua casa em tempo recorde, numa velocidade inferior apenas a seus pensamentos agitados. Ele havia sido desafiado em seu íntimo, em sua masculinidade. E ele precisava provar que não era o que estavam dizendo. A situação exigia uma resposta e esta resposta tinha que ser um beijo, um beijo completo, intenso, registrado com uma câmera. Um beijo numa garota garimpada pela internet, um beijo fotografado e publicado no Orkut. Quem sabe a foto se tornasse famosa, como aquela foto em branco e preto que ele havia visto na capa de um *site*, o beijo de um marinheiro e uma mulher, comemorando o final da Segunda Guerra Mundial. Como era mesmo o nome do fotógrafo? Não tinha importância. Depois André procuraria no *Google*. Uma coisa era definitiva, ele teria que tirar a foto naquele dia. No sentido mais profundo de seu significado, era uma questão de honra.

O que fervia na cabeça de André era uma dúvida ética, do tipo que atordoava qualquer pessoa que tem um compromisso com a vitória e não pode correr o risco de falhar. Fazer de verdade ou... encenar? Ser sincero e lançar-se no abismo das tentativas, correndo o risco de fracassar e expor-se à vergonha pública ou fazer um arranjo para garantir

o sucesso ainda que de forma falsa? Como dizem os sábios, só se para para tomar uma decisão quando nossa estrada bifurca. E a dúvida nada mais é do que uma bifurcação no caminho do pensamento. E era assim que André estava, bifurcado, partido ao meio.

Ao chegar ao prédio onde morava, André passou pela garagem, pegou o elevador de serviço e, finalmente, entrou no apartamento pela porta dos fundos. Sua mente ainda não tinha consciência de sua decisão, embora seu corpo, que já seguia caminhos dissimulados, parecesse saber que ele optaria pelo caminho da encenação, guiado pelo medo do fracasso.

Já em seu quarto, sentindo-se mais seguro, André começou a pensar no que fazer. Sua vida no colégio não era exatamente um sucesso. Apesar de ter alguns amigos, algumas paqueras e sair-se razoavelmente bem na maioria das matérias, ele não se destacava em praticamente nada. Não era o mais forte nem o mais bonito ou o mais inteligente. Não era rico. Não era o capitão do time de futebol. Não ti-

nha, enfim, nenhum atributo que o tornasse marcante. Em suas noites de insônia, André imaginava que, quando ele fosse adulto, provavelmente não seria convidado para nenhum encontro de ex-alunos como acontecia com seu pai, que era sempre o primeiro a ser chamado para esse tipo de reunião. Enfim, ele era um aluno mediano, para não usar um sinônimo mais doloroso, “mediocre”.

A soma de todos esses fatos explicaria a forma com que Aninha, a garota mais interessante de todo o colégio, o encarava. Ela era sua amiga, sua melhor amiga. O fato é que André queria que ela fosse sua namorada.

Apesar da falta de grandes qualidades ou atributos, duas coisas contavam a favor de André. Primeiro o fato de que ela não tinha namorado. Segundo, ela era sua confidente. Aninha era alguém em quem ele podia confiar. O que fazia dela a cúmplice ideal para seu plano. Claro, para isso ele teria que abrir mão de alguns segredos e, talvez, até correr o risco de perder todas as esperanças de tê-la como

sua garota. Ou não. Nunca se sabe o que o destino pode preparar com seus caminhos tortos.

Pensando em tudo isso, André entrou em seu perfil no mais famoso *site* de relacionamento aqui no Brasil, o Orkut, para ver se Aninha tinha deixado algum *scrap* ou uma mensagem *offline* em algum programa de mensagem instantânea. O dia não estava perdido, havia sempre uma esperança. Quem sabe aquela não fosse a data em que André Nêutron viraria André Próton em toda exuberância de sua carga nuclear sabidamente positiva.

Antes de sair, aproveitou para dar uma *googlada* em busca da foto do beijo em preto e branco. E encontrou.



Uma das fotos mais famosas de todos os tempos é o beijo de um marinheiro e uma enfermeira em Times Square, Nova York. A foto foi tirada em 14 de agosto de 1945, no Dia da Vitória, o V-J Day, que marcou o final da Segunda Guerra Mundial, com a vitória dos aliados sobre o Japão. O autor, Alfred Eisenstaedt (1889-1995), considerado o pai do fotojornalismo moderno, nasceu em Berlim, imigrou em 1935 para os Estados Unidos para fugir do nazismo. No dia da celebração,

Alfred captou o momento do beijo numa fração de segundo, sem que os protagonistas soubessem. Até hoje, esta foto em preto- e- branco, conhecida como “O Beijo da paz”, é considerada uma das imagens que mais marcaram o mundo.



André não precisava de uma foto que marcasse o mundo. No momento, livrar-se da vergonha perante os colegas de classe que o viam como o “boca virgem” já era suficiente.



@@@@@@

Em que André toma coragem e pede ajuda a Aninha

— Aninha, seu irmão quer usar o computador!

Na pequena sala onde ficava o único computador da casa, a garota torceu o nariz e deu um pequeno soco sobre o console, dizendo “droga!” a si mesma para, em seguida, mudar o tom e responder em voz alta:

— Já vou, mãe, eu tô só deixando uma mensagem pra um amigo.

Rapidamente, Aninha terminou de digitar a mensagem, fechou sua página e atendeu um chamado pelo seu comunicador instantâneo preferido, o MSN.

— Seu irmão precisa fazer uma pesquisa pra escola, filha. Você sabe que o computador é de todo mundo, não é só seu.



Vai me dizer que você nunca se sentiu incomodado quando fala ao telefone e alguém fica de orelha em pé, de butuca na sua conversa? Nesta cena, além de mostrar nossa amiga marcando seu encontro pelo telefone, mostrei também o zelo e o cuidado que essa mãe tem pela filha, afinal, mãe só muda mesmo é de nome e de endereço, né? Hahaha...

Postado por
Klayton Luz